

Banqueiros alemães garantem apoio a Funaro

FRANKFURT — É necessário continuar apoiando o Brasil em seus esforços para obter a recuperação econômica, afirmaram ontem em Frankfurt banqueiros alemães ocidentais, ao concluirão conversações com o Ministro da Fazenda, Dílson Funaro, destacando que merecem alta consideração os resultados obtidos nas exportações e no balanço de pagamentos brasileiros.

Os representantes dos bancos alemães não se arriscam a emitir opinião sobre o estado das finanças públicas no Brasil, limitando-se a informar que a conversa com Funaro "foi muito boa e franca", como parte de "um diálogo cheio de

confiança".

Ontem, Funaro foi recebido na Confederação das Indústrias da Alemanha, onde almoçou com o Presidente da entidade, Hans Langmann, e 12 representantes de firmas alemães que têm investimentos no Brasil. À noite, o Ministro da Fazenda se encontrará com seu colega alemão, Gerhard Stoltenberg.

Neste encontro, os empresários manifestaram-se preocupados com o que classificam como discriminação de empresas estrangeiras em favor de



empresas brasileiras, e em especial quanto às restrições adotadas pelo Governo brasileiro na área da informática e da indústria química.

Em resposta, o Ministro Funaro afirmou que o Brasil está disposto a aumentar importações para modernizar seu parque industrial, e que tem abertas possibilidades para investimentos em diversas áreas da economia, ao mesmo tempo em que "estuda uma maneira de flexibilizar as normas restritivas objeto das reclamações.

O Ministro da Fazenda

reiterou para os empresários alemães que o Governo brasileiro não celebrará nenhum acordo com o Fundo Monetário Internacional: não estamos pedindo dinheiro, mas sim empréstimos. Os investimentos são bem-vindos, mas sem acordo com o FMI, que com sua política levou o Brasil à estagnação econômica acompanhada por altas taxas de inflação, explicou Funaro.

— O País precisa de impulso, pode oferecer uma economia dinâmica e se a comunidade financeira internacional está disposta a analisar caso por caso a situação dos países endividados, o Brasil quer ser um caso, concluiu Dílson Funaro.